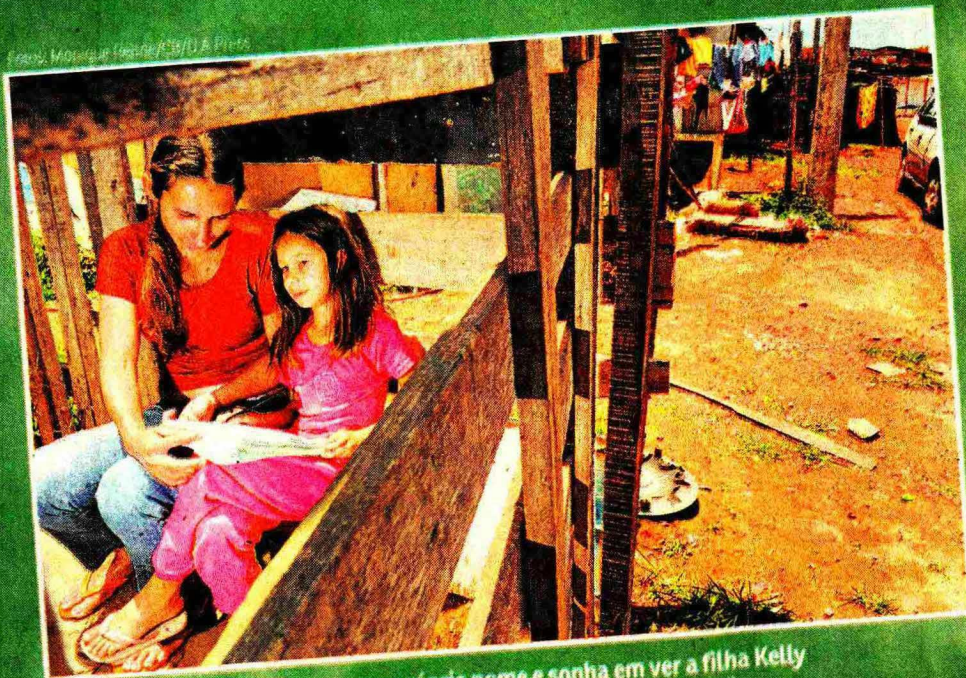
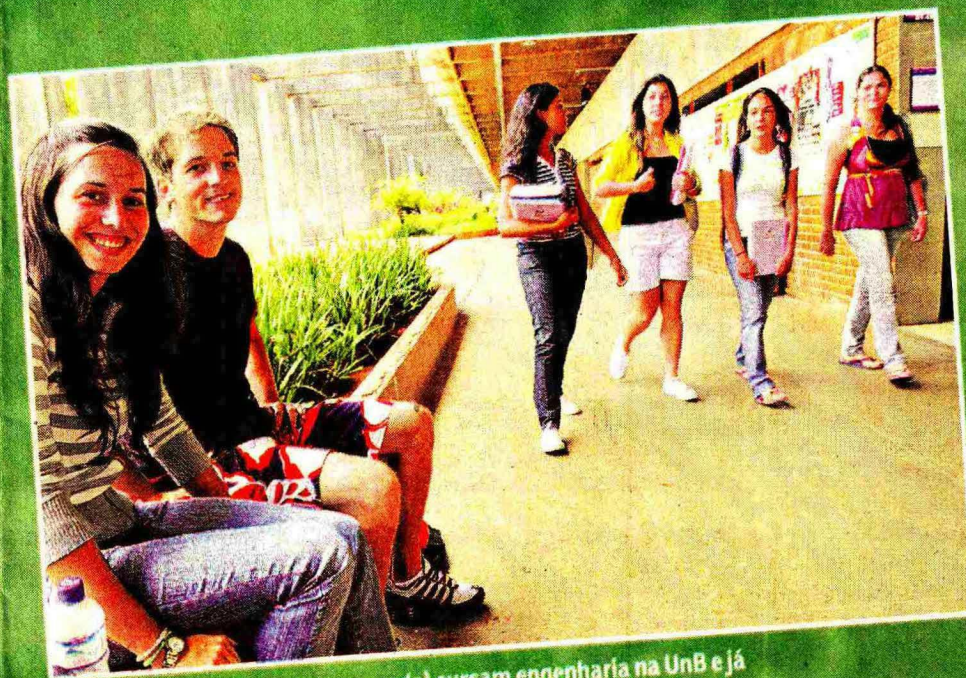


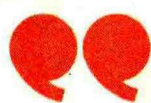
A maioria dos brasileiros estuda por pelo menos 10 anos, o que coloca o DF no primeiro lugar entre as unidades da Federação nesse quesito. Também ostentamos a segunda menor taxa de analfabetismo do país, perdendo apenas para Santa Catarina



Maria Aparecida só sabe escrever o próprio nome e sonha em ver a filha Kelly Anne formada: "Ela já sabe muito mais do que eu sabia na idade dela"

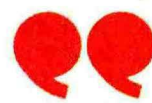


Leticia e Leonardo (ambos à esquerda) cursam engenharia na UnB e já planejam a pós-graduação: instrução maior, salário maior



É importante motivar o jovem e fazer com que ele conclua a escola e aprenda. Não adianta passar pela sala de aula sem aprender"

Mozart Neves Ramos, presidente do Movimento Todos pela Educação



Boa parte das pessoas que querem voltar ou começar a estudar não se sente atraída pela metodologia da EJA (Educação de Jovens e Adultos)"

Rubens de Oliveira, subsecretário em Gestão Pedagógica e Inclusão Educacional da Secretaria de Educação

Mais tempo na escola

» ELISA TECLES

O Distrito Federal é a única unidade da Federação em que mais da metade dos moradores passaram pelo menos 10 anos da vida estudando. Mais de 1 milhão de pessoas (51,35% da população acima de 10 anos de idade) dedicaram pelo menos uma década às salas de aula — entre elas, 304 mil (14,24%) estudaram por mais de 15 anos. Os dados da **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)** referente a 2008 mostram o nível de educação do brasileiro.

Em média, um morador do DF estuda 8,6 anos na vida. Esse tempo não é suficiente para concluir o ensino fundamental e o médio em cursos regulares. Até 2008, eles somavam 11 séries — agora, são 12, com a inclusão de uma no nível fundamental. Até a média, porém, é a melhor entre os estados do país.

De acordo com Mozart Neves Ramos, presidente do Movimento Todos pela Educação e membro do Conselho Nacional de Educação, cada ano de estudo aumenta, em geral, 15% a renda da pessoa. O índice varia dependendo do grau de escolaridade. Um ano no ensino fundamental significa acréscimo de 6% na renda, enquanto um ano de uma pós-graduação provoca melhoria de 47% na remuneração. "Na medida em que se passa pelas etapas da educação, o impacto é cada vez maior. Por isso, é importante motivar o jovem e fazer com que ele conclua a escola e aprenda. Não adianta passar pela sala de aula sem aprender", disse Ramos.

Cursar uma faculdade sempre foi o objetivo do aluno do 3º semestre de engenharia civil da Universidade de Brasília (UnB)

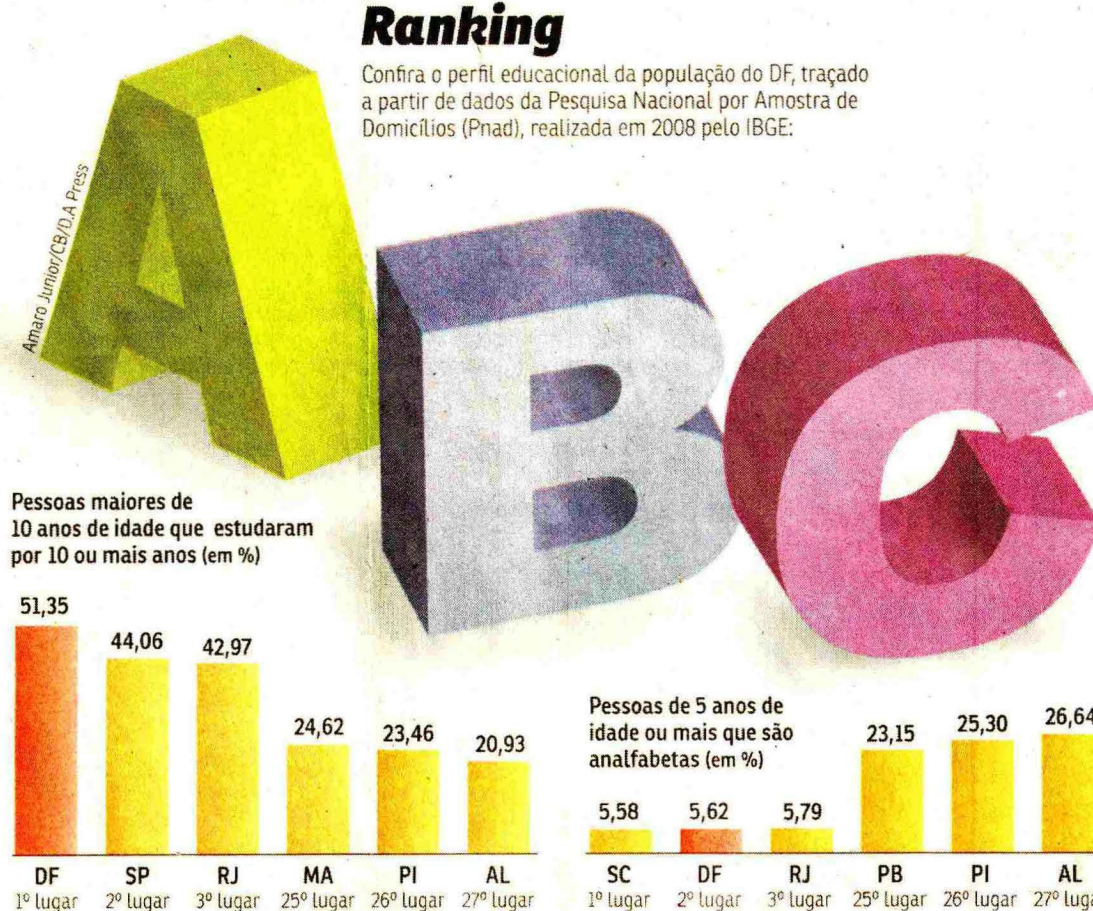
Estatísticas

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), reúne características da população brasileira relativas a migração, educação, trabalho, famílias, domicílios e rendimento. Todos os estados e o Distrito Federal estão representados no levantamento. A primeira parte da pesquisa mostra indicadores de 2007 e 2008 e a segunda tem retrospectivas de dados coletados entre 1998 e 2008.

Leonardo Cappellesso, 20 anos. Os pais dele são formados, e o jovem sabia que trilharia o mesmo caminho. "Com um diploma, fica mais fácil conseguir emprego e os salários são melhores", afirmou. Depois que terminar o curso e arranjar emprego, ele quer partir para uma pós-graduação, assim como a colega Leticia Moraes, 20, também estudante de engenharia. "Temos que continuar estudando, não dá para parar", comentou Leticia.

No extremo oposto do perfil educacional do brasileiro, há 132 mil pessoas — ou 5,62% da população — que não sabem ler e escrever. Apesar de a estatística dimensionar o problema, mostra também uma boa notícia. O DF tem a segunda menor taxa de analfabetismo, só perde (e por pouco) para a Santa Catarina, onde 5,58% da população não domina as letras e o português.

A babá Maria Aparecida Ramos, 32 anos, nunca esteve matriculada em uma escola. Sabe escrever o próprio nome e lê informações básicas, como letreiros de ônibus. Ela deve o



conhecimento a um professor que reuniu um grupo de meninos e meninas em uma sala emprestada na cidade de Intendência (BA). "O professor só tinha feito até a 4ª série, mas passou o que sabia para a gente", lembrou. Maria estudou no colégio improvisado durante 12 meses.

A baiana tinha 13 anos quando aprendeu o alfabeto e os números. Logo depois, veio para Brasília e assistiu a poucas aulas em uma igreja. A moradora do Varjão quer voltar a estudar e espera a abertura de uma turma de **Educação de Jovens e Adultos (EJA)** perto de onde mora. A filha dela, Kelly Anne Ramos, 7 anos,

está na escola desde os 5 e começa a ensinar o que aprende à mãe. "Ela já sabe muito mais do que eu sabia na idade dela", disse Maria, cujo sonho é ver a filha formada e bem empregada.

Falta de horário, dificuldade de deslocamento, desinteresse e outros problemas afastam os adultos da escola — cerca de 50% desses alunos desistem em menos de um ano. "Infelizmente, boa parte das pessoas que querem voltar ou começar a estudar não se sente atraída pela metodologia e pelo conteúdo da EJA. Tem dificuldades em cumprir todas as disciplinas ou o horário coincide com a jornada de trabalho", explicou o

subsecretário em Gestão Pedagógica e Inclusão Educacional da Secretaria de Educação do DF, Rubens de Oliveira.

Atualmente, há cerca de 60 mil alunos na EJA. A secretaria planeja melhorar o sistema em 2009. Horários flexíveis estão entre as metas. "A EJA vem sendo remodelada para atrair as pessoas que estão fora da escola. E queremos adquirir material didático específico, hoje inexistente", completou Oliveira.

Crianças

Para evitar que cada vez mais pessoas cheguem à fase adulta sem saber ler ou escrever, os esforços se concentram na educação das crianças. "O objetivo é que toda criança, ao chegar aos 8 anos, já leia e escreva. É quando se fecha a torneira do analfabetismo", comentou Mozart Ramos. Segundo o especialista em educação, o ensino médio também pode ser aprimorado com proposta mais interdisciplinar, com focos em aulas práticas, leitura e laboratórios. A Pnad de 2006 mostrou que apenas 54,3% dos jovens de 15 a 17 anos no DF estão matriculados no ensino médio.

Ramos ressalta ainda que é preciso vencer algumas barreiras, como incluir mais crianças de 4 e 5 anos no ensino infantil. "No Brasil, cerca de 30% das crianças nessa faixa etária não estudam, só entram na escola aos 6,7 anos. Pesquisas mostram que, se a criança entra aos 4 anos, as chances de ela concluir o ensino médio são 38% maiores do que a pessoa que começa a estudar aos 6." Hoje, 47 mil meninos e meninas de 4 e 5 anos estão matriculados na rede pública de ensino no DF. Sete novos jardins de infância serão inaugurados no próximo ano para ampliar a oferta.

Nunca é tarde

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destina a pessoas que não concluíram os estudos na adolescência e querem retomar o aprendizado. A rede pública oferece o curso em 201 escolas do DF e, em 2008, havia 68.494 alunos no EJA. Os estudantes podem participar do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos e, se aprovados, recebem um certificado que atesta as habilidades adquiridas no colégio.